

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES DO VI SIMPOSIO INTERNACIONAL DELPHOS 2024 - Εἵμαρμένη / destino

<p>María Teresa Padilla Longoria</p> <p><i>Sócrates, μέθοδος, ἦθος y δαίμων, carácter y destino frente al acto de morir</i></p> <p>Doutora</p> <p>Universidad Nacional Autónoma de México</p>	<p>El propósito de esta comunicación residirá en mostrar el camino filosófico o elénquico-dialéctico de Sócrates basado en el examen dialógico para hacer frente con serenidad y con carácter (ἦθος) su destino (δαίμων) una vez que es condenado a beber la cicuta. La pregunta guía será: ¿en defensa de qué decide morir Sócrates? Nos remitiremos, fundamentalmente, a la <i>Apología</i> y a la parte final del <i>Gorgias</i>. La línea directriz es doble: problemática y temática. La primera, la problemática, se refiere a la cuestión de la ética como esencia de la política y, más específicamente, cuál fue la idea de la excelencia (ἀρετή), y en particular de la justicia, que tuvieron Sócrates y Platón y la trascendencia que ésta tiene hasta nuestros días. Detallaremos los antecedentes de la idea de la justicia en Sócrates y Platón remitiéndonos a Homero, Heródoto, los preceptos delficos, Heráclito y Demócrito para especificar, finalmente, cuál es la idea de la justicia que Sócrates y Platón tuvieron y cómo Sócrates equipara su misión filosófica, dictada por su δαίμων, con el proceder en forma ética, sin retaliaciones y de conformidad con la ley de su ciudad. De manera magistral Sócrates despliega su razonamiento haciendo hincapié en que cumplir con la vocación que el dios le ha encomendado equivale a filosofar o a vivir filosofando y que esto es hacer lo que le corresponde. De forma que así obra justamente y, por ello, de manera piadosa. Con esto desarrolla la idea de una justicia equitativa: dar a cada quien lo que le corresponde o lo suyo. Asimismo, la excelencia ética es cognitiva. Y la segunda, la temática –implicada y derivada de la directriz problemática– en la exposición del método elénquico-dialéctico encarnado en Sócrates, como forma de vida y esperanza sapiente y serena ante la muerte. En la parte final del <i>Gorgias</i> destacaremos la contraposición existente entre las figuras de Calicles y Sócrates y el mito escatológico. Haremos hincapié, en que Sócrates hace equivalentes al alma moderada y al alma buena, puesto que es aquella que obra en forma conveniente con respecto a dioses y hombres, ya que así actuará piadosa y justamente. De ahí que felicidad,</p>
---	---

	<p>moderación y justicia marchan al parejo. La lección del mito escatológico del <i>Gorgias</i> de Platón se sintetiza así: el mejor género de vida consiste en vivir y morir practicando la justicia y todas las demás virtudes. De manera que, lo dicho por Calicles, cae por su propio peso.</p> <p>Sócrates y Platón nos encaran a todos los seres humanos, de cualquier tiempo, para efectuar un replanteamiento de la vocación política, jurídica, individual y ciudadana. Así como para afianzar y a hacer explícita la esencia de la vocación filosófica como una praxis autoconsciente, amorosa y libre de investigación de la verdad, como un método de vida que somete a prueba y a examen todo, incluyendo a uno mismo. Toda vocacion tiene un fundamento ético y, por ende crítico. A todo hay que aplicar el método socrático-platónico del examen y sometimiento a prueba.</p> <p>Sócrates no fue éticamente neutral ni mucho menos formal, acomodaticio o abyecto. Después de su último examen dialéctico con Critón en el <i>Diálogo</i> epónimo, encara con carácter su destino, a saber, con sabiduría, auténtica piedad, integridad, congruencia y serenidad frente a la muerte y opta por lo mejor: beber la cicuta en obediencia a los dioses y a su propia voz interior, en defensa de la justicia basada en la verdad, en la autenticidad de su método de vida y en salvaguarda de que se pudiera seguir filosofando libremente.</p>
<p>Yasmin Tamara Jucksch</p> <p><i>εὸς ἀνάιτιος: a responsabilidade pelo próprio destino e as experiências de males na μυθολογία πλατωνικά</i></p> <p>Doutora</p> <p>Universidade de São Paulo</p>	<p>No <i>Timeu</i> de Platão, encontramos um discurso sobre a formação do universo tecido pelo protagonista homônimo que deve ser entendido, segundo ele próprio, como uma “narrativa verossímil” (εἰκὸς μῦθος, 29d). A certa altura desse discurso, Timeu relata que o grande Demiurgo do universo afirma aos deuses menores que, se houver estabilização na alma individual dos circuitos do Mesmo e do Outro e se a racionalidade imperar, o resultado dessa condição será o de escapar da “pior das doenças”; por outro lado, se ela for “negligente” (καταμελήσας), terá como resultado a volta ao Hades desprovida de inteligência (44c). O próprio Timeu também alerta que, se o homem se entregar aos apetites e desejos de vitória, suas opiniões se tornarão <i>necessariamente</i> mortais, mas se se dedicar a exercitar sua parte divina e os pensamentos verdadeiros, então será “absolutamente</p>

necessário" (πᾶσα ἀνάγκη) que pense no que é divino e que, como consequência, tenha um destino supremamente feliz (90b). Já no mito de Er da *República*, as escolhas também comportam a responsabilidade pelo tipo de vida vivida (αἰτία ἐλομένου, 617e), mas aqui elas são feitas antes da obtenção de um corpo: depois de feita a escolha, a alma ficará atada pela *necessidade* (συνέσται ἐξ ἀνάγκης, 617e) à vida pela qual optou até sua morte. Assim, no mito de Er as determinações do modo de vida e de todo o desenrolar de eventos que constituem o destino individual também são, como no *Timeu*, diretamente proporcionais às escolhas e condições de ignorância ou de sabedoria, mas aqui elas são feitas previamente ao nascimento. Os males experimentados no curso do destino são, portanto, consequência da livre escolha dos homens, mas ao mesmo tempo essa escolha pode ser fruto de um engano fundamental: seja porque não se vê o mal sob o bem aparente, seja porque se escolhe muito rápido, sem uma justa e detida ponderação. Desse modo, ambos os discursos têm em comum tanto a presença da Necessidade, que inexoravelmente ata o homem a seu destino, quanto a atribuição da responsabilidade por ele à própria alma. No entanto, há diferenças descritivas e contextuais significativas que parecem mostrar que Platão retira a inteligência e a majestade da divina figura órfico-pitagórica da *República* e a reduz a uma causalidade errante, e, além disso, que ele dilui a carga mítica no que tange ao modo como são feitas as escolhas que embasam o destino, atenuando o determinismo das escolhas prévias. Diante disso, a presente comunicação pretende abordar as diferenças e semelhanças entre os papéis de ἀνάγκη em ambas as narrativas, com o objetivo de discutir tanto a plausibilidade da interpretação que busca distinguir radicalmente o papel da Necessidade em ambos os textos, quanto da interpretação que defende que o papel de ἀνάγκη no destino humano é essencialmente mantido no *Timeu*, a despeito das diferenças contextuais relativas a diferentes desdobramentos narrativos da μυθολογία platônica.

Beatriz Saar

***Era Plotino um mágico?
Uma breve revisão das
Enéadas***

Doutoranda

Universidade Federal do
Rio de Janeiro (UFRJ)

O objetivo primordial desta apresentação é demonstrar quais as relações de Plotino, filósofo neoplatônico do século III, com as artes mágicas e seus diferentes desdobramentos, tais como feitiços, conjuros, comandos e adivinhações. O título da exposição remonta a uma querela, iniciada a partir do clássico artigo de Philip Merlan, "Plotinus and Magic" (1953). Nesse artigo, Merlan defende não apenas que Plotino acreditava na eficácia das artes mágicas, mas que de fato as praticava e estimulava seu uso. Em resposta a tal posição, uma série de objeções foi publicada por A. H. Armstrong, no artigo "Was Plotinus a Magician?" (1955). De maneira geral, Armstrong concorda com Eric Dodds (1951), o qual defende que, embora Plotino não negue exatamente a existência da magia e sua eficácia, ele não está interessado em praticá-la. A partir dessas considerações e de uma breve explanação sobre cada posição, iremos realizar um retorno às principais passagens das *Enéadas* que se dedicam a essa problemática: *Enn. IV, 9 [8], 3; Enn. IV, 4 [28], 40 e Enn. II, 9 [33], 14*. Abordaremos o contexto de cada uma e demonstraremos a recepção que Plotino realiza do termo magia (*μαγεία*) e seus análogos. Nas passagens analisadas, observamos diversas críticas tanto quanto à eficácia, como quanto ao uso da arte mágica. Quanto à eficácia, Plotino tenta em muitos momentos explicar fenômenos como a simpatia (*συμπάθεια*), refletida no compadecimento pela dor de uma pessoa alheia, através de causas naturais que supostamente regem o universo, opondo-se claramente aos que atribuem a esses fenômenos causas mágicas e sobrenaturais. Quanto ao uso desenfreado da magia, Plotino apresenta uma crítica especial aos gnósticos, acusando-os de fomentar uma arrogância (*ὑβρις*), sobretudo na figura dos magos, pois esses tentavam "comandar" os deuses a cumprir seus desígnios. Ao fim da apresentação, portanto, entenderemos que a compreensão plotiniana da magia está assentada em bases críticas. Apesar dessa importante consideração, Plotino não parece ignorar o aspecto religioso como um todo à medida em que destaca e promove a necessidade de agir de forma digna e honrosa para com os seres divinos e superiores.

Ivan Pereira Quintana

***Explorando o conceito de εἴμαρμένη em Édipo rei
Destino e livre-arbítrio
na tragédia grega***

Licenciado

Universidade Federal do
Rio Grande do Sul
(UFRGS)

O conceito de εἴμαρμένη em *Édipo Rei* de Sófocles não apenas serve como uma força motriz da narrativa, mas também como um prisma através do qual podemos explorar profundamente a interação entre destino, livre-arbítrio e a intervenção divina na tragédia grega antiga. εἴμαρμένη/Heimarmene, traduzido como destino ou fatalidade predestinada, é introduzido desde o nascimento de Édipo, quando o oráculo de Delfos profetiza que ele matará seu pai e se casará com sua mãe. Esta profecia não apenas estabelece um curso de eventos inevitável, mas também molda o desenvolvimento do protagonista de maneira inexorável.

A estrutura da peça reflete a jornada trágica de Édipo em busca de sua identidade, revelando a ironia dramática da profecia que ele tenta evitar. Inicialmente, desconhecendo sua verdadeira linhagem, Édipo foge de Corinto para escapar de seu destino profetizado, apenas para se encontrar inadvertidamente envolvido em uma série de eventos que o conduzem ao encontro de seu pai biológico, Laio, e subsequentemente ao cumprimento da profecia trágica. Este ciclo de ações e consequências não apenas demonstra a futilidade dos esforços humanos para alterar o destino, mas também exemplifica a interseção complexa entre vontade humana e a ordem divina.

Filosoficamente, *Édipo Rei* provoca uma profunda reflexão sobre a relação entre livre-arbítrio e determinismo. A peça sugere que, embora os indivíduos possam parecer tomar decisões significativas, estas estão intrinsecamente ligadas a um destino predestinado pelas forças divinas. Os deuses gregos, frequentemente manipuladores dos eventos humanos para garantir o cumprimento das profecias, destacam a influência do divino sobre o destino humano, um aspecto crucial nas discussões sobre a temática alvo deste simpósio.

Ademais, *Édipo Rei* convida os espectadores e leitores a considerar não apenas o inevitável curso dos eventos na vida de Édipo, mas também as implicações morais e éticas de sua jornada. A tragédia não apenas ilustra o poder do destino na narrativa humana, mas também desafia as concepções convencionais de responsabilidade e justiça divina na mitologia grega.

	<p>Logo, ao explorar o conceito de <i>εἴμαρμένη</i>/Heimarmene em <i>Édipo Rei</i>, somos confrontados com uma dualidade fascinante entre o desejo humano de moldar seu próprio destino e a realidade de um destino predefinido pelas forças superiores. Este tema oferece um ponto de partida robusto para discussões profundas sobre a condição humana, o papel dos deuses e a natureza da fatalidade.</p> <p>Palavras-chave: <i>Destino. Filosofia. Livre-arbítrio. Tragédia grega.</i></p>
<p>Bruno Alonso.</p> <p><i>A εἴμαρμένη no estoicismo antigo: o eterno retorno e o determinismo teológico</i></p> <p>Doutorando</p> <p>Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF/UFRJ)</p>	<p>O estoicismo define a <i>εἴμαρμένη</i> como o elo que une tudo o que existe a uma cadeia indefectível de causas encadeadas. A doutrina física dos antigos estoicos se baseia em um rigoroso determinismo, em que todos os acontecimentos são predeterminados pelo logos divino que governa o cosmos. Inspirados na filosofia de Heráclito, os estoicos identificam o logos divino com o fogo, o princípio ativo que compele o cosmos e cumpre os desígnios da <i>εἴμαρμένη</i>. Para os estoicos a natureza percorre ciclos sucessivos que se encerram e recomeçam em um eterno retorno. Contudo, seria plausível assegurar a liberdade dos homens nesse cosmos determinístico? O estoico Crisipo procura uma solução para contornar tal impasse. O cilindro e o cone – duas figuras geométricas – precisam de um impulso inicial, do estímulo de um corpo exterior para desencadear o movimento. No entanto, ao serem impelidos, se movem com autonomia. Crisipo tece um paralelo com os próprios homens. Eles são coagidos por causas exteriores que são o estopim para as suas ações. Mas após serem incitados podem agir com independência. O argumento de Crisipo desobscurece a nebulosa relação entre destino e liberdade. A liberdade reside no sábio exercício da razão individual que não importuna o curso da natureza universal. É, afinal, o desafio paradoxal de se lançar nos acanhados percursos da história, sem resistir aos ditames do destino. Esta apresentação abordará a concepção estoica acerca da <i>εἴμαρμένη</i> conforme suas implicações físicas, éticas e teológicas. Se dedicará, especialmente, a elucidar a enigmática doutrina estoica que</p>

	resguarda a frágil liberdade dos homens em meio ao curso avassalador do destino.
<p>Jonathan Braz de Souza</p> <p><i>Notas acerca do conceito de Destino [týkhe], em Édipo Rei</i></p> <p>Mestrando</p> <p>PPGFIL Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)</p>	<p>Na tragédia "Édipo Rei" de Sófocles, o destino de Édipo, protagonista da tragédia, está traçado antes mesmo do seu nascimento. De acordo com a obra, Édipo mataria seu pai e se casaria com a sua mãe. Apesar dessa informação ser fornecida em dois momentos da peça de Sófocles, esses acontecimentos marcam a presença inexorável do destino na obra do autor grego. Embora, as questões não previstas são as propriamente exploradas: a revelação da verdade, a cegueira de Édipo e o suicídio de Jocasta. O caráter de Édipo desempenha um papel relevante na progressão da trama. Desde o início, ele é retratado como um líder obstinado a salvar Tebas da praga que a assola. Sua busca pela verdade, apesar dos inúmeros avisos para parar, revela um homem crente em sua própria capacidade de resolver a questão que assola a sua cidade. Essa determinação se mostra como uma faca de dois gumes, pois é justamente essa qualidade que o leva à terrível descoberta de sua verdadeira identidade e de seus atos involuntários. A revelação gradual da verdade em "Édipo Rei" é um processo doloroso e inevitável, marcado por uma série de supostos acasos. Cada encontro fortuito e cada peça de informação que emerge parece empurrar Édipo para mais perto de sua destruição. Desde o encontro com Laio na encruzilhada até o encontro com a verdade, cada detalhe aparentemente aleatório se encaixa em um padrão predestinado, mas também revela algo essencial sobre o caráter de Édipo. Sua insistência em descobrir a verdade, mesmo quando ela se torna insuportavelmente clara, demonstra uma coragem e uma tragédia pessoal que vão além da simples obediência a um destino imposto. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender o conceito de destino a partir do conceito de <i>týkhe</i>. Em certo sentido, a questão do trabalho é decifrar até que ponto há liberdade nas ações de Édipo, haja vista que, até que ponto podemos afirmar que ele é responsável pela sua própria catástrofe? Além disso, o que os acontecimentos não revelados podem anunciar sobre a obra. Logo, entender esse movimento é relevante para entender outras dinâmicas propostas pela obra de Sófocles.</p> <p>Palavras-chave: Destino; <i>týkhe</i>; Édipo; Sófocles.</p>

Gabriel Loureiro Pereira
da Mota Ramos

***Destinar-se à Pronúncia
e a infinita viagem do
Retorno-a-Si: as tácitas
raízes platônicas da
ontologia de Emanuele
Severino***

Mestrando

Universidade Federal do
Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Um dos maiores filósofos do século XX e XXI, Emanuele Severino (1950, 1956, 1972, 1980, 2001) deixa uma obra vasta e de ousadia comparável àquela de Heidegger, pois que interessada em rever, por completo, a história do pensamento ocidental, por ele determinada como o coerente desdobrar-se do *niilismo*. Compreendido em sentido por completo diferente daquele articulado por Nietzsche e Heidegger, o Niilismo, estrutura fundamental do Ocidente, consiste na crença absurda no "ἐπανφοτεριζείν" como ser dos entes, crença da qual Platão seria (cf. Severino, 1972, 1980), ao lado de Aristóteles, o primeiro formulador. Fazendo-lhe contraste, Severino elabora uma ontologia, cuja única tarefa reside em testemunhar o Destino da Necessidade (cf. Severino, 1980, 2001), isto é, a absoluta incontrovertibilidade do Ser e de seu desvelamento infinito no círculo originário do Aparecer. Apesar de uma filosofia caracterizada por seu ânimo de *ruptura* radical com a tradição filosófica ocidental, sobretudo helênica, radicalidade aliás já há muito reconhecida (cf. Nazareno, 2020; Goggi, 2014, 2015; Donnà, 2008), os mais recentes estudos dedicados à filosofia severiniana têm sublinhado a herança e as continuidades que sua ontologia mantém com a tradição metafísica, especialmente grega, como se pode constatar nos recentes trabalhos de Messinese (2021) e Tarquini (2022). Diante deste quadro, nosso trabalho objetiva revisitar um *topus* importantíssimo da argumentação histórico-filosófica severiniana, notadamente sua interpretação da obra platônica, na qual identifica a primeira formulação filosófica do *isolamento da terra* pela articulação do sentido do ente *qua* ἐπανφοτεριζείν. O discurso filosófico platônico, visando salvar o fato da multiplicidade fenomênica da morte a que os condenara Parmênides, engendra, pelo parricídio, precisamente a estrutura máxima do niilismo ocidental: a circunscrição de dois domínios ontológicos, a um dos quais apenas convém a fórmula do Juízo Originário. Grandiosa embora, a interpretação severiniana, profundamente determinada pela malha especulativa de sua própria ontologia, deixa passar ao largo um ponto cego: o sistemático significado do Destino, exposto no livro 11 da *República*, e sua relação à Pronúncia, circunscrita no *Philebus*. Em diálogo com Ionescu (2015), Campos (2009), Benitez (1989), Reale (1995) e Fletcher (2014), avançamos hipótese

	<p>hermenêutica que permite ler os dois diálogos em sistemática conjunção, a fim de articular os significados do mito da forja do alfabeto por Teuth ao da escolha do Destino por uma operação de hermenêutica iluminação recíproca, escolha a que somos conduzidos pelo tema comum aos diálogos, notadamente a viagem ao Bem através do caminho dialético. Como conclusão, propomos que a operação de iluminação recíproca, ao cabo da qual chegamos aos conceitos de Destino e de Pronúncia como dois operadores fundamentais da filosofia platônica, permite-nos rever a principal objeção severiniana, precisamente ao demonstrar que, longe de fundar o niilismo ocidental, Platão é seu principal primeiro inimigo. Se o Niilismo consiste, como articulam as obras finais de Severino, na forclusão do Infinito pela identificação da Totalidade Concreta à Totalidade Manifesta, de que decorre o anúncio da impossibilidade de uma ultrapassagem do isolamento da terra, segue daí ser a ênfase platônica na Pronúncia dialética, como Destino da humanidade do humano, a <i>rejeição</i> mesma do Niilismo e, pois, um testemunho do que Severino denomina Destino da Necessidade. Nossa reinterpretação dos dois diálogos permite-nos, assim, chegar a conclusões próximas das de Alain Badiou, em sua releitura criativa da <i>República</i>, a fim de rearticular o significado do Destino na metafísica platônica, dando-lhe uma vez mais a palavra neste diálogo, ainda longe de acabar, com o grande pensador do Destino da Necessidade, Emanuele Severino.</p>
<p>Isabela Pimentel Peixoto</p> <p><i>Agência e Fatalismo na Grécia Antiga: As Contribuições de Bruno Snell e Bernard Williams</i></p> <p>Doutoranda</p> <p>UERJ</p>	<p>A ideia da Grécia como berço das ideias éticas que cultivamos na modernidade perdurou durante muito tempo nos estudos clássicos, assim como na filosofia moderna. Por mais que algo fosse compartilhado nessa linha temporal, era importante fazer a distinção: a Grécia é o berço da moral à medida que se verificava nela a falta de nossas concepções modernas, autonomia, responsabilidade, agência. A visão progressivista constrói uma imagem de uma Grécia pré-filosófica como alheia à moralidade.</p> <p>Na leitura progressivista, Homero seria o primeiro índice da história da moralidade. Em seus textos, a experiência ética seria primitiva, irrefletida, e, no limite, incoerente, os personagens homéricos seriam tidos como infantis. Bernard Williams disputa a tese de que o homem/personagem</p>

homérico não teria autonomia para fazer decisões sozinho. Não havia, para Homero, distinção entre corpo e alma, ou pelo menos não no sentido que entendemos hoje. Bruno Snell diz que o homem homérico se via apenas como um conjunto de membros, e não via seu corpo como uma unidade, um self, e sem o self, não haveria algo a partir de que se possa fazer decisões autônomas.

Algo como “vontade” faltaria no homem homérico por conta do papel dos deuses, para Snell. O personagem pode ser mostrado ponderando entre duas opções, mas no final das contas, é a intervenção divina que tem o papel principal. Williams argumenta que a intervenção divina não implica na falta de capacidade de decisão autônoma, primeiro porque quando os deuses intervêm, eles não simplesmente obrigam as pessoas a fazerem coisas, por vezes suas intervenções são como sugestões que são ponderadas pelos personagens. Segundo porque os próprios deuses, bastante antropomórficos, também ponderam e deliberam, e suas decisões são exatamente como as dos mortais quando nenhum deus intervém: a linguagem da dúvida e as fórmulas de decisão são as mesmas. Como, então, Homero aplicaria um modelo mental para os deuses que ele mesmo desconhece segundo a leitura progressivista?

Williams propõe que, se há uma teoria da ação em Homero, ela é igual à nossa. As intervenções dos deuses operam em um sistema que prescreve ação para os humanos; e deliberação, resultado da qual faz com que ajam, e razões pelas quais agem. Uma diferença que Williams demarca é que não há vocabulário para “intenção” em Homero, mas que a ideia já está ali. Apesar de não ter a palavra “decidir” em seu vocabulário, Williams diz que Homero dá aos seus personagens a capacidade de ponderar, concluir algo e fazer algo a partir desta decisão, e isso seria basicamente *decidir* algo. Ele diz que a única coisa que Homero deixou de fora foi a ideia de uma ação mental entre a conclusão e ação, mas diz que essa ação nem existe, e é mero fruto de má filosofia. Uma das coisas que “falta” a Homero seria a distinção entre motivações morais e não-morais. Apontar a falta dessa distinção só serve quando se parte do ponto de vista da defesa da moral, e da ideia de dever. Um dos apontamentos dos progressivistas seria a falta da noção de dever para o grego (arcaico ou não).

	<p>A investigação do mundo grego, para Williams, não serve apenas para desvelar o que somos, mas o que achamos que somos, e quais presunções trazemos não só ao projetar no mundo grego as nossas categorias, mas ao defendê-las em geral. Um dos grandes equívocos contemporâneos seria achar que a nossa consciência não está assolada pela ilusão, e que a razão funciona de forma autônoma. Isso talvez seja apenas um erro de auto-percepção que nos tenha distanciado dos gregos, pois eles talvez entendessem este aspecto da consciência melhor, diz ele.</p>
<p>Eduardo Sales de Lima</p> <p>“SE EU NÃO TE LAVAR, NÃO TENS PARTE COMIGO”: DESTINO E PROPRIEDADE NO EVANGELHO DE JOÃO 13:8</p> <p>Doutor</p> <p>UniCV, Unicesumar</p>	<p>Desde o início do século passado a teologia bíblica apresentou propostas de leitura bíblica que interpretavam o Novo Testamento a partir do helenismo. Todavia com o desenvolvimento dos estudos culturais que surgiram no pós-guerra, principalmente do diálogo judeu-cristão, os trabalhos que procuravam entender o contexto grego da literatura bíblica reduziram drasticamente. Com os recentes desenvolvimentos da filosofia da religião, e com maior acesso à literatura acadêmica e às fontes documentais, surge a possibilidade de rever e repensar diversos conceitos e teorias, principalmente, aquelas elaboradas antes do advento da internet. Sob essa possibilidade, esse trabalho pretende realizar uma análise exploratória do conceito de <i>εἰμαρμένῃ</i>, <i>heimarmenē</i> – destino - na filosofia grega antiga e, em sua possível relação com temas da literatura bíblica. Objetiva-se identificar, a partir do texto de João 13:8, como o conceito de <i>heimarmenē</i>, fundamental na filosofia estoica, se relaciona com os textos bíblicos. Essa pesquisa justifica-se em razão de novas possibilidades disponibilizadas pelo desenvolvimento e diálogo com a filosofia da religião e por maior oferta de pesquisas e fontes bibliográficas sobre a temática, o que possibilitará um olhar mais acurado sobre a relação do texto bíblico com tradições filosóficas à época de sua escrita. A pesquisa se propõe a examinar o conceito de destino na filosofia grega, principalmente no estoicismo. A investigação irá apresentar as possibilidades nos textos de Platão, na filosofia estoica e no <i>Corpus Hermeticum</i>, e investigará possíveis paralelos e divergências com os conceitos utilizados nas narrativas bíblicas, principalmente do evangelho de João (13:8). Além da questão do destino a pesquisa investigará</p>

	<p>questões fundamentais relacionadas à noção de propriedade, liberdade e as compreensões da realidade (material e espiritual) relacionadas ao conceito de <i>heimarmenē</i> e apresentadas nas narrativas bíblicas. Propõe-se estudar a compreensão sobre o papel do destino na determinação da "parte" ou "propriedade" de um indivíduo em relação ao divino. Será uma pesquisa básica e exploratória. O estudo empregará uma metodologia comparativa, analisando textos filosóficos gregos e passagens bíblicas selecionadas. A metodologia será bibliográfica e documental, a seleção e análise dos dados será qualitativa. Os resultados preliminares sugerem uma complexa interação entre as noções gregas os conceitos bíblicos. Assim, espera-se que, ao final, o artigo ofereça novas perspectivas sobre a interseção entre o pensamento filosófico greco-romano e a teologia cristã primitiva, em especial sobre a compreensão do Destino. Palavras-chave: heimarmene, destino, filosofia grega, literatura bíblica.</p>
<p>Mário Sérgio da Conceição Oliveira Junior</p> <p><i>Sobre a natureza regida por Eros e Tânato no universo mental grego antigo</i></p> <p>Bacharel e Licenciado UFPA e Professor Seeduc RJ</p>	<p>Os seres divinos na intuição grega antiga Eros, gerado de Caos do nada e Tânato são os dois arquétipos mentais ou princípios do ser que rege a causalidade grega antiga opostos em relação à vida humana. Sendo Eros o princípio da vida e Tânatos o princípio da morte. Em suma, Eros é visto como o deus do amor e da criação, enquanto Tânatos é visto como o deus da morte e do destino final dos gregos antigos. O instinto de vida mais conhecido e mais amplamente estudado é o instinto do prazer puro e exuberante chamado Eros. Assim, Eros é a sinergia movida pelo desejo, aproximação, conexão e satisfação sexual. Nesse sentido, é vital para a saúde emocional e física do cidadão grego antigo, pois ajuda a fortalecer o vínculo afetivo, bem como aumentar a sensação de bem-estar na polis grega antiga. Embora Eros seja normalmente associado a relacionamentos amorosos, ele também está presente em outros impulsos vitais que criam o elan da vida, como a amizade, o labor, a fome, a sede e até a dor. Em metamorfia, Thanatos é um dos dois instintos básicos, ao lado do instinto de vida (Eros). Nesse sentido, é descrito como um forte impulso para a canificação destrutiva do ser humano grego antigo, indo para a morte, para o auto-extermínio, para a destruição das outras culturas e a própria e</p>

DELPHOS

Grupo de pesquisa - Filosofia e religião na Grécia antiga

para o retorno ao caos primordial o fim da cultura causal do grego antigo e o retorno a uma nova idealidade.